

Das dimensões ou da fôrma dos recintos mal se poderá concluir em favor da mesma hypothese, attenta a sua pouca regularidade; emquanto á sua orientação não entramos com esse facto em linha de conta, porque pôde ser apenas occasional nos dois monticulos descobertos.

A presença dos monticulos, alem d'isso, pôde ser explicada pelo facto de o povo procurar ali thesouros, tendo a regularidade natural da disposição das pedras despertado a attenção das pessoas que nas suas tentativas de descobrimento de riquezas retiraram as pedras que a acção erosiva tinha destacado, e que occupavam o centro dos recintos apparentes, formando-se então, em tórno da parte excavada, o monticulo que se destaca a cima do solo.

Notámos tambem a presença, nos intersticios das pedras que fechavam o recinto, de areia vermelha proveniente da desaggregação do grés waldense que recobre em muitos pontos d'aquella região o calcareo jurassico. Ora não existia entre as pedras que se achavam soltas no meio do recinto, ou constituindo o monticulo, essa areia que podia passar como servindo de cimento para ligação das que se podia suppor que formavam os alicerces de paredes, dada a primeira hypothese. Mas é certo que, dada a hypothese da disposição ser natural, o mesmo facto fica tambem explicado.

Seja como for, o certo é que os indicios que se colheram nas pesquisas realizadas são documentos sufficientes para fazerem considerar o Castello-Velho como um castro provavelmente pre-romano, devendo no emtanto esperar-se ainda por novas investigações naquelle local.

MAXIMIANO APOLLINARIO.

### Ruínas de Troia (em frente de Setubal)

#### I

Num jornal de Setubal, *O Elmano*, n.º 35, de 29 de Outubro de 1883, lê-se a seguinte notícia:

«O terreno denominado Troia, situado na margem direita do Sado, é um importante repositório de preciosidades archeologicas, como disse ha muito tempo um douto antiquario, e como attestam os objectos valiosos, sob o ponto de vista historico e artistico, que em differentes epochas ali tem sido achados.

André de Resende, o famoso archeologo, o sabio D. Fr. Manuel do Cenaculo e outros, e modernamente o erudito Gama Xaro, fizeram ali importantes descobrimentos, em explorações mais ou menos aturadas, conforme os recursos pecuniarios de que dispunham.

A exploração que nos consta ter maior desenvolvimento foi a effectuada a expensas da *Sociedade Archeologica Lusitana*, presidida pelo primeiro duque de Palmella, a qual teve por principaes iniciadores o já mencionado Gama Xaro e o sr. João Carlos d'Almeida Carvalho.

Nas excavações então effectuadas foram descobertas mais de duas mil medalhas romanas, de differentes epocas, alem de outros objectos e restos de edificios, lapides, etc.

Muitos sabios nacionaes e estrangeiros, e entre elles o célebre professor Hübner, que ali acompanhou o estudioso monarcha D. Pedro V, visitaram aquellas notaveis ruinas que só dos nossos governos tem sido sempre esquecidas, sem embargo de empregarem tantas vezes os seus cuidados, malbaratados, em objectos menos dignos de attenção e menos recommendaveis para o bom credito de um país civilizado.

Ainda não ha muito tempo que no referido logar da Troia foi descoberto um monumento funerario, de fórma pouco conhecida.

Pena é que o vandalismo ultimamente exercesse a sua acção brutal mutilando os frisos e angulos da parte que ainda restava intacta do alludido monumento, na facé do qual se lê a seguinte inscripção:

D · M · S ·  
 G A L L A  
 A N X X X V  
 H S · E · S · T · T L  
 H T P N V S  
 M A R I T V S  
 O P T V M E  
 F · G

Não permittindo mais larga escripta sobre o assumpto indicado as pequenas dimensões d'esta folha, terminamos estas ligeiras considerações, chamando para elle a attenção dos homens illustrados do nosso país e em especial a da academia, que bem poderá tornar-se

util estudando a materia a que nos referimos e o meio mais conducente a realizar o descobrimento das celebres ruinas que constituem um segredo importante para a historia e para a sciencia».

A precedente inscrição romana não está perfeitamente exacta. O meu amigo o Sr. Alberto Girard, Naturalista do Museu de Zoologia da Escola Polytechnica de Lisboa, viu o monumento, em Setembro de 1893, e teve a amabilidade de me dar a seguinte cópia do letreiro:

D·M·S·  
 CALLA  
 A·N XXXV  
 HS·E·S·T·TL  
 HYPNVS  
 MARITVS  
 OPTVME  
 F·C

Notas:

Na 2.<sup>a</sup> linha a cópia do Sr. Girard tem C; a cópia d-O Elmano tem G. Não posso decidir qual é a lição verdadeira, porque, com quanto a palavra seja sem dúvida GALLA, é muito vulgar nas inscrições romanas C por G. As nossas inscrições offerecem outros exemplos de GALLA: vid. *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, 114 (Evora), 117 (ibidem), 339 (Leiria); e no resto da peninsula ha mais. —Galla é o feminino de Gallus, nome que os Romanos davam aos Celtas da Gallia.

Na 3.<sup>a</sup> linha é provavel que, a haver pontuação, esta não esteja bem, e seja «A.N.», e não «A.N».

Na 4.<sup>a</sup> linha temos HYPNVS, nome grego ὑπνος, — que quer dizer «somno». A julgar das restituções feitas pelo Sr. Hübnner em algumas das inscrições da Peninsula, Hypnus era nome usado noutras regiões da Hispania: vid. *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, 242 e 3086; todavia o da inscrição de Troia é o unico por ora authentico. Sem embargo, este nome apparece noutros paises: vid. De Vit, *Totius latinitatis Onomasticon*, s. v. (como cognomen e nomen servile).

Na 7.<sup>a</sup> linha está a fórma archaico-popular OPTVME, em vez da fórma classica OPTIMAE; u por i, em circumstancias como esta, é facto vulgarissimo, tanto na litteratura, como nas inscripções. Deve antes d'este adjectivo subentender-se *uxori* ou outro synonymo <sup>1</sup>.

Na 8.<sup>a</sup> linha é certamente «F. C» e não «F. G», como se lê n-*O Elmano*.

Desenvolvendo as abreviaturas, resulta pois:

D(iis) M(anibus) S(acrum). Galla, an(norum) XXXV, h(ic) s(epulta) <sup>2</sup> e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis). Hypnus maritus (scilic. uxori) optume f(aciendum) c(uravit).

Traducção:

*Consagrado aos deuses Manes. Galla, de 35 annos, está aqui sepultada. A terra te seja leve. Seu marido Hypno mandou fazer (este monumento) á sua optima (esposa).*

O facto de tanto elle como ella usarem só de um nome mostra que eram gente de pouca importancia. Se do laconismo da inscripção fosse licito tirar deducções ethnicas, poderiamos ver nos referidos nomes *Hypnus* e *Galla* indicio de alliança de um grego com uma mulher de raça celtica; mas na antiguidade, como hoje tambem acontece, os nomes perderam muitas vezes, com o andar do tempo, a significação primitiva.

É provavel que, ao contrario do que se diz no artigo d-*O Elmano*, a fórma do monumento não tenha nada de notavel; mas só poderei julgar, vendo. Segundo as informações que me deu o Sr. Girard, a pedra em que está a inscripção tem de altura mais de um metro, e achava-se enterrada na areia.

Esta inscripção, que eu saiba, não havia ainda sido publicada, a não ser n-*O Elmano* (d'onde foi transcrita para *O Seculo*, de 12 de Agosto de 1894, com as mesmas incorrecções). Os jornaes de provincia fazem excellente serviço dando sempre conta minuciosa das antiguidades que vão apparecendo nas localidades em que elles se publicam.

<sup>1</sup> Apesar de *optume* acabar em e, não se ha-de suppor que esta palavra é um adverbio; nas inscripções é frequente E por AE.

<sup>2</sup> Ou *sita*.

\*

Já depois de composta a nota precedente, examinei outra cópia, que o meu amigo o Sr. Manuel Maria Portella, dedicado investigador das antiguidades de Setubal, fez favor de me dar. Esta é que supponho ser a versão definitiva. Ei-la:

D♡M♡S  
 GALLA  
 ANNXXXV  
 HS♡E♡S♡T♡TL  
 HYPNVS  
 MARITVS  
 OPTVME  
 F C

Algumas letras estão separadas por folhas de hera, —*hederae distinguentes*—, como é uso em muitas inscrições. Vê-se que o intuito do artifice ou *faber marmorarius* foi antes attender a certa symetria, do que propriamente separar palavras, senão separaria tambem ANN na 3.<sup>a</sup> linha, e o H do S, e o T do L na 4.<sup>a</sup> linha.

Esta versão offerece igualmente *Galla*, e não *Calla*.

## II

Sem desejar entrar agora na questão da identificação das ruínas de Troia com a antiga cidade de Cetobriga, que nos é conhecida das obras de Ptolemeu e Marciano de Heraclea, do *Itinerario* de Antonino e da *Cosmographia* do Anonymo de Ravenna, vou aqui deixar consignadas algumas indicações bibliographicas modernas á cêrca de Cetobriga e Troia, as quaes poderão servir de alguma utilidade aos estudiosos:

a) *De antiquitatibus Lusitaniae*, por André de Resende, in lib. iv, *De Cetobriga*;

b) *Conjecturas sobre huma medalha de bronze*, por Fr. Vicente Salgado, Lisboa 1784, pag. 25;

c) *Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana*, n.<sup>os</sup> 1-3 (e *Relatorio*) 1850-1851;

- d) *Portugal Ant. e Mod.*, por Pinho Leal, 1874, s. v. *Cetobriga*;  
 e) *Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal*, por Alberto Pimentel, 1877, pag. 5 sqq.;  
 f) *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, pag. 8, e *Supplemento*, pag. 803 (Este vol., como se sabe, foi organizado pelo Dr. E. Hübner, que antes, nas *Noticias de Portugal*, pag. 23-24, se havia tambem referido a Cetobriga);  
 g) *Question Cetobriga, recherches archéologiques sur la ville de Troia*, por E. Fontainieu, Bordeaux 1875 (obra que apenas conheço por a ver citada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, pag. 803);  
 h) *Portugal, Old and New*, por O. Crawford, London 1882, pag. 242 sqq.;  
 i) *Oppida restituta*, por Borges de Figueiredo, I, *Cetobriga*, in *Bolet. da Socied. de Geogr. de Lisboa*, 1883, 4.<sup>a</sup> serie, n.<sup>o</sup> 10;  
 j) *Alt-celtischer Sprachschatz*, por A. Holder, Leipzig (em publicação), s. v. *Cetobriga*;

k) Artigos em diversos jornaes e livros, como o *Panorama* (IV, 81), o *Boletim da Associação dos Archeologos* (vol. VII, n.<sup>o</sup> 1), *O Vocabulario de Bluteau* (s. v. *Troia*), o *Seculo* (12 de Agosto de 1894), etc.

O Sr. João Carlos de Almeida Carvalho, que ha muitos annos se occupa do estudo da historia de Setubal, e ao mesmo tempo possui uma bonita collecção archeologica, de procedencia local, de certo consagra uma parte da sua vasta obra ás ruinas de Troia, mas o que por ventura haja escrito conserva-se ainda inedito.

\*

Não só, como digo acima, se tem querido identificar as ruinas de Troia com a antiga Cetobriga, mas tambem se tem querido derivar de *Cetobriga* as modernas palavras *Troia* e *Setubal*. Já André de Resende diz: «Corrupti coepit nomen in *Cetobram*, quam postea multo corruptius vulgus ineruditum *Troiam* fecit<sup>1</sup>». Borges de Figueiredo diz tambem de *Cetobriga*: «Esta ultima palavra teve sua natural alteração em *Cetobra* ou *Cetorbe*, que posteriormente se transformou em *Setubal*»<sup>2</sup>. O Sr. Alberto Pimentel escreve igualmente:

<sup>1</sup> Isto é: «O nome *Cetobriga* começou a corromper-se em *Cetobra*, que em seguida foi com muito maior corrupção transformado pelo vulgo ingnorante em *Troia*».

<sup>2</sup> *Loc. laud.*, pag. 465.

«sahiriam da palavra *Cetobriga* duas pronúncias diferentes, por corrupção: *Cetobra* primeiro, e depois, por erro grosseiro do povo ignorante, *Troia*, nome actual das ruínas de Cetobriga; ao mesmo tempo que de Cetobriga sahia a corrupção *Cetobala*, e de *Cetobala* *Setuval*, e depois *Setubal*<sup>1</sup>».

Sem dúvida ha certa semelhança phonetica entre *Cetobriga* e as duas palavras actuaes *Setubal* e *Troia*, mas d'aqui a dever admittir-se parentesco de fórmias vae ainda muita distancia.

Quanto a mim, *Troia* nada mais será do que uma designação litteraria dada anteriormente ao seculo XVI ás ruínas; para affirmar isto, fundo-me em que não são estas ruínas as unicas assim denominadas: no termo de Chaves ha outras ruínas a que se dá o mesmo nome de *Troia*<sup>2</sup>. Verosimilmente, ao adoptarem-se estes nomes, tinha-se no espirito a ideia da *Troia* asiatica, que, segundo a lenda, foi arruinada pelos Gregos. A designação de *Troia* dada ás ruínas fronteiras a Setubal será acaso contemporanea da sagração do antigo templo da Virgem Maria, que ahi se levantava ainda em dias de André de Resende. Com este nome de *Troia*, imposto pelo menos a duas ruínas, póde comparar-se *Citania*, que, como eu já disse noutra parte<sup>3</sup>, supponho revelar tambem origem litteraria ou semi-litteraria. É sabido com que facilidade se propaga um nome. Ha nos arredores de Mangualde, numa baixa, umas interessantes ruínas da epocha romana; o Dr. Alberto Osorio de Castro, que foi quem as examinou primeiro, imaginou denomina-las *Citania*<sup>4</sup> (nome que aliás só convem a ruínas situadas no alto de um monte): isto succedeu ha seis annos, e já este anno, por occasião de eu estar em Mangualde, ouvi á gente do povo fallar «na *Citania*!» Perto de Tomar existem outras ruínas romanas, a que os eruditos deram o nome de *Nabancia*<sup>5</sup>; pois este nome tornou-se popular! Fr. Bernardo de Brito, fallando do deus Endovellico, que tinha o seu templo no concelho do Alandroal, diz loucamente que esse deus era Cupido<sup>6</sup>: ora, quando fiz a exploração das ruínas, várias pessoas do povo me affirmaram que ellas pertenciam a um templo de

<sup>1</sup> Obra citada, pag. 12.

<sup>2</sup> Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, v, 407.

<sup>3</sup> In *Revista Lusitana*, III, 33-34.

<sup>4</sup> Cfr. o jornal de Mangualde, *O Novo Tempo*, n.º 1, de 17 de Outubro de 1889.

<sup>5</sup> Cf. Possidonio da Silva, in *Boletim de architectura e de archeologia*, III, 152.

<sup>6</sup> Vid. *Monarchia Lusitania*, Pt. I, 1597, fls. 137 v.

Cupido! Em Viseu existe um monumento a que o povo chama *A Cava de Viriato*<sup>1</sup>; e contudo, nem a palavra *Viriato* é de origem popular, nem ha documento que prove que *Viriato* acampou em Viseu! Nada mais facil, como acabo de mostrar, do que, tendo qualquer erudito dado a umas ruinas o nome de *Troia*, este haver-se radicado e aclimado. Conforme o meu modo de ver, *Troia* não póde pois derivar-se de *Cetobriga*<sup>2</sup>. A linguistica oppõe-se do mesmo modo a tal etymologia, pois fica sem explicação a apherese da syllaba *Ce-*. Alguem invocará a commoda «corrupção do povo ignorante»; mas exactamente quem faz as linguas é o povo ignorante, e nisto obedece instinctivamente a certas leis, que no nosso caso porém se não observam.

*Setubal* tem mais alguma semelhança com *Cetobriga* do que *Troia*, e é quasi irresistivel o desejo de confrontar essas fórmas, tanto mais que o Prof. J. Cornu, no seu trabalho *Die Portugiesische Sprache*, § 23, não hesita em tirar *Setubal* de CAETÖBRICA (Καιτόβριξ), através das fórmas *Setubre* e *Setuvel*; todavia ao douto philologo austriaco não deve occultar-se que, não obstante a semelhança phonetica, algumas difficuldades offerece a etymologia: assim, sem fallar na substituição rara de *ö* tonico por *u*, é necessario explicar a mudança illegitima do *C* em *S*, e a razão da manutenção do *t* intervocalico, que, segundo as leis da nossa lingua, devia dar *d*; e é tambem indispensavel ministrar documentos anteriores ao seculo XVI, nos quaes se leia a palavra com *C* inicial e não com *S*, porque até áquella epocha *c* e *s* não tinham o mesmo valor, como hoje tem, nem se escrevia indifferentemente uma letra por outra. Não será facil encontrar documentos nesse sentido, pois num, dos meados do sec. XIII, o foral de Setubal<sup>3</sup>, já se lê mais de uma vez *Setuual*, isto é, *Setuval* (como ainda se escrevia no sec. XVIII); visto que no sec. XIII a pronúncia do *s* se não confundia com a do *c*, a conclusão que se tira é que o

<sup>1</sup> Cfr. Henrique das Neves, *A Cava de Viriato*, Figueira da Foz, 1893.

<sup>2</sup> D'esta mesma opinião é Oswald Crawford. Diz elle: «The site of the ruins has long been known, probably for five or six hundred years, as Troia, and I suspect that this curious name may date from Renaissance times, may have been bestowed by the learned, a prevailing party in those days, and may simply have been equivalent to a place of many ruins» (*Portugal, — Old and New, — 1882*, pag. 249-250). — De passagem notarei que só conheci esta opinião de Crawford depois de ter escrito o que acima escrevi. A explicação é realmente intuitiva!

<sup>3</sup> Vid. *Portugaliae monumenta historica, — Diplom. et chart.* —, 1, 634. O foral é do anno de 1249.



primitivo etymo de *Setubal* podia ter *S* inicial e não *C*, o que leva a pôr de parte *Cetobriga*<sup>1</sup>.

Muitas pessoas, a quem os estudos linguisticos não são familiares, preocupam-se pouco com estas meudezas phoneticas; mas o que é certo é que, desde o momento em que se recorre a uma sciencia, para se lançar mão d'ella, hade obedecer-se-lhe escrupulosamente ás regras; sem isso, nenhuma affirmacão tem valor serio.

A respeito da identificacão do local de *Cetobriga* com o de *Troia*, lembrarei tambem uma difficuldade: o elemento *-briga*, que entra na composicão da palavra *Cetobriga*, significa, na opinião dos celtistas, *monte, collina, altura, logar elevado, fortaleza, castello* (vid. por ex.: *Jubainville, Les premiers habitants de l'Europe*, 2.<sup>a</sup> ed., t. II, p. 263 sqq.; *Holder, Alt-celtischer Sprachschatz*, s. v. *br̥g-* e *br̥gā*; cfr. alem d'isso *Zeuss, Grammatica Celtica*, 2.<sup>a</sup> ed., 1871, pag. 86), — e esta significacão mal convem, pelo menos originariamente, a um sitio baixo, como é aquelle em que se estendem as ruinas de *Troia*.

Em resumo: se reconheço analogia exterior entre *Cetobriga* e *Setubal*, analogia que aliás pôde ser meramente casual, reconheço tambem, no estado actual dos meus conhecimentos, quão difficil é, no campo da linguistica, unico onde se pôde legitimamente tratar a questão, deduzir da primeira fórma a segunda: em todo o caso, é isto o que a prudencia me aconselha a dizer, e aguardo novos documentos, para poder decidir-me mais afoutamente<sup>2</sup>.

J. L. DE V.

### Revista de archeologia

*Boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portugueses*. 1894, vol. VII, n.º 1.

Após longa interrupção, reapareceu este *Boletim*, que tem sempre prestado, e continuará a prestar, bom serviço á nossa archeologia.

<sup>1</sup> A admitir-se esta etymologia, tambem não se havia de partir da fórma *Caetobrica*, adoptada pelo Prof. Cornu, mas sim de *Caetobriga* (= *Cetobriga*), no locativo-genetivo *Caetobrigae*, pois a terminacão *-briga* daria *-bra*, como em *Coimbra*, de *Conimbriga*; só *-brigae* poderia dar *-bre* (*Setubre*).

<sup>2</sup> Em *Setubal* ha um bairro denominado *Troino*. Não se pôde pensar em relacionar esta palavra, nem com *Troia*, nem com *Cetobriga*, porque, apesar da aparente semelhança, essa relação é phoneticamente impossivel.